

1

Apresentação

Em minha prática como professora de ensino fundamental, atuando na Rede Pública Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro, há mais de 20 anos e, desde 2001, como Diretora da Divisão de Mídia-Educação¹, venho refletindo sobre as relações que se estabelecem entre os diferentes meios de comunicação, com suas respectivas linguagens, e aqueles a quem se dirigem: crianças, jovens e adultos – alunos, pais e professores.

Mas o início dessa história se deu muito antes, ainda, quando a normalista, por exigências curriculares de sua formação, se via às voltas com a preparação de álbuns- seriados, flanelógrafos, slides, transparências e outros “aparatos tecnológicos” apresentados como “facilitadores” do processo de ensino, para, entre outros aspectos, torná-lo mais atraente aos olhos dos alunos. Naquele contexto, a entrada das mídias na escola, com fortes marcas da cultura tecnicista, era percebida como mera questão instrumental, voltada, prioritariamente, para os usos de tais recursos, pelos professores, de acordo com objetivos cuidadosamente elaborados e expressos em seus planejamentos.

Já em sala de aula, como regente de turmas de alfabetização e de séries iniciais do ensino fundamental, em instituições privadas e na rede pública municipal, percebia que algo mais estava em jogo na relação entre mídia e educação, mas as tentativas de aproximação da sala de aula com a tevê, por exemplo, careciam ainda de fundamentação teórica e esbarravam nos limites da dificuldade de diálogo com os pares — eram poucos os colegas de trabalho que se aventuravam — ou na inexperiência de quem não sabia o que fazer quando um aluno dizia “Hoje não vai ter aula não, professora? É só cineminha?”

Alguns anos se passaram, e já não éramos mais os mesmos: a escola, os meios, a professora, os alunos...

A formação acadêmica com a graduação em Pedagogia e a especialização em alfabetização, ambas realizadas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, ampliou as possibilidades de reflexão-ação sobre o trabalho que desenvolvia na escola. Somando-se a isso, o exercício da Orientação Pedagógica, função que

¹ A Divisão de Mídia-Educação integra o Departamento Geral de Educação da SME- RJ e tem como principais eixos de ação o planejamento, o desenvolvimento e avaliação de práticas mídia-educativas nas escolas e a formação de professores. Mais informações em www.rio.rj.gov.br/sme.

passei a exercer, me obrigava, cada vez mais, a buscar novos caminhos para estabelecer trocas efetivas com os demais professores.

A atuação como Pedagoga, à frente de projetos culturais e educativos em uma Organização não governamental e, por mais de dez anos, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, ampliou meu olhar, que agora também considerava o trabalho com jovens e adultos. Tais situações contribuíram ainda para a constituição de novas redes de troca e o acesso a experiências com as linguagens do rádio, da tevê, do cinema e da fotografia, entre outras, em diferentes programas e parcerias.

O convite para integrar a equipe da Divisão de Educação de uma das dez Coordenadorias Regionais de Ensino, que compõem a Rede Municipal, contribuiu para reafirmar meu vínculo com a rede pública, optando por concentrar minha experiência no trabalho de acompanhamento pedagógico de unidades escolares que atendiam à Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos e ao Ensino Fundamental, num universo de, então, 76 escolas.

Naquele momento, ao assumir o trabalho junto às Salas de Leitura na Coordenadoria, pude novamente me defrontar com as questões relativas ao fazer pedagógico interessado na relação entre educação e comunicação, já que o principal objetivo da proposta era promover a leitura e a formação de leitores a partir do encontro dos textos literários com outros tipos de textos em circulação na sociedade, tais como os do rádio, da tevê, do cinema e da internet.

Alguns cursos, muito trabalho e o desejo cada vez maior de retomar minha vida acadêmica me conduziram à primeira turma do curso de especialização em “Mídias, Tecnologias da Informação e Novas Práticas Educacionais”, promovido em parceria pelas Faculdades de Educação e de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no ano de 2005. Na ocasião, já há quatro anos como Diretora da Divisão de Mídia-Educação, me envolvi ainda mais com as discussões relativas a este campo, na interface do trabalho com as escolas e seus professores.

Como trabalho final, apresentei a monografia intitulada “A pesquisa em mídia-educação na Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro: levantamento de dissertações e teses realizadas por professores no período de 2000 a 2004”. O estudo buscou identificar a produção acadêmica existente na área, considerando o contexto no qual tenho trabalhado. As análises permitiram

concluir, entre outros aspectos, que a maior parte das Dissertações e Teses analisadas tinha como foco a prática docente e o uso dos diferentes meios no processo de ensino e que dentre as recomendações mais recorrentes, destacava-se a formação de professores para lidar com as mídias, sobretudo com as chamadas “novas tecnologias”.

Partilhando desse interesse, mas com a pretensão de adotar metodologias diferenciadas daquelas observadas na maioria dos estudos identificados, meu objetivo inicial era analisar as práticas de professores, a partir de suas falas, seus modos de significação do fazer pedagógico, como forma de entender melhor o campo no qual atuava, assim como a mim mesma, educadora, professora da/na Rede. Mas, ao ingressar no curso de Mestrado em Educação as inquietações, que me acompanharam ao longo desses anos como espectadora e educadora, encontraram novos caminhos de reflexão. Um aspecto importante nesse processo foi a constatação, logo no início do curso, de que a função assumida na Secretaria, ocupando um cargo de chefia, frustrava a possibilidade de realizar um estudo com a perspectiva proposta. Assim, aquilo que me parecia a princípio ser um facilitador constitui-se num obstáculo, gerando grande ansiedade.

No decorrer das aulas e das atividades do grupo de pesquisa — o GRUPEM (Grupo de pesquisa Educação e Mídia) — pude compartilhar minha ansiedade com os colegas e professores e, nessa busca, ampliar meu olhar e as possibilidades de diálogo com outros autores e suas contribuições. Assim, algumas das inquietações foram superadas, outras ressignificadas, mas uma delas permanecia: a idéia de que *algo mais estava em jogo nessa relação*.

Ao trazer à cena outros atores, deslocando o foco dos adultos, professores ou de suas práticas, para os alunos, me encantei pela possibilidade de realizar um estudo sob a ótica de crianças e jovens e suas formas de apropriação da experiência mídia-educativa na escola. Conhecer esses alunos, ouvir suas vozes, identificar suas concepções, desejos e aspirações, poderia, então, fornecer pistas para descobrir *algo mais*, e escrever novos capítulos dessa trajetória.